



# CULTURA PROFISSIONAL

## MONTE CASEROS E O FUZIL DE AGULHA

Por A. BARÃO ENGELHARDT

Tradução e comentário pelo Jen. KLINGER

Procedente de BUENOS AERES, recebo maes uma axega ás minhas anotações a "OS REZINGÕES": é dum estudiozo da história das armas de fogo, A. barão ENGELHARDT, e o seu escóte resultará em importante corrijenda.

É ce afirma S.S. ce o armamento maes moderno da época, por nós empregado em MONTE CASEROS, em escala de amostra, pela Cia. de lejonários alemães, não éra o fuzil depoes universalmente conhesido como "de agulha".

Traduzimos, a seguir, a interesantissima misiva, com o propóziito de comclamar a rezolverem a cestão os nósos estudiozos da matéria, notadamente os especializados do departamento do material bélico e da Escola Técnica do Ezérsito.

"BUENOS AERES, 21 de agosto de 1952 — Sr. Jeneral Bertoldo KLINGER.

Fazem já muintos anos, me dedico, aci em BUENOS AERES, ao estudo da história das armas de fogo, entre élas, naturalmente, o fuzil de agulha de percussão. Te-

nho publicado, em várias linguas, toda uma série de trabalhos a respeito. Agóra mezmoo tenho nos EUA., em negostasões para edisção, um livro, prezizamente sobre o fuzil de agulha de percussão e sua história. Ai espontaneamente surjiu a cestão: foe empregado? tal fuzil em MONTE CASEROS? cazo afirmativo, em ce proporsão?

Na revista "MILITARY AFFAIRES" do "MILITARY INSTITUTE OF THE US." publicei á alguns anos um artigo, muinto amputado pela redasão, sob a epigrafe "THE BATTLE OF CASEROS — The Down of Modern ARGENTINA"; em segimento ao mezmoo, publicei a 4-11-1949, na "FREIE PRESSE" de BUENOS AERES, outro artigo, sob a epigrafe "Oje a 97 anos". Em ambos aseverei ce asenta em erro a afirmasão de ce tenha sido empregado o fuzil de agulha em MONTE CASEROS.

Aconteseu ce na revista "SUED AMERIKA" n. 5, o Sr. Albert SCHMID publicou um artigo, "DIE BRUMMER", no cual leio o seguinte: "Com os fuzils de agulha,

de tiro rápido e seguro — o ezérsito brasileiro éra armado de fuzil de pederneira — prestarsom eles, como atiradores, muinto bons servicos. . .” Escrevi, então, ao Senhor SCHMID e ele teve a jentileza de mandarme um ezemplar do seu folheto “DIE BRUMMER”, bem como um da tradusão e anotação de V. Es., ao mezmo tempo me aconselhando a ce, no caso de restar dúvida, me dirijise a V. Es.

Apezar das minusiózas explicações désa carta do Sr. SCHMID e désas anotações de V. Es., continuom de pé grande parte das minhas dúvidas referidas. Poriso me permito, pela prezente, submetelas a V. Es.

Devo dezde logo advertir ce até agora não tive á disposiçáo nenhuma fonte brasileira, escluzivamente as arjentinas; de módo ce é de coloração fórtemente arjentina o ce eu sei a respeito da batalha.

O meu aludido artigo da “FREIE PRESSE” fo emcabesado por uma explicação da redação: “Este artigo, previsto para a edisião de ontem, aniversário da batalha, só teve espaso na prezente edisião, em razão das atoaes dificuldades, do conhesimento de nósos leitores.” Ai escrevi eu:

“Para nós alemães é de especial interesse a afirmasão de vários istoriadores de ce seria compósta na maecór parte de trópas mersenárias alemãs a forsa brasileira ce teve destacada atoação na vitória, forsa garbózamente denominada Divizão, comcuanto seu efetivo mal somase 5.000 omens.

Se bem ce oje em dia seja difisil comprovar se nas unidades brasileiras partisipantes da batalha figuraraom pecenos trósos constituídos de alemães, (já agora está rezolvida, contrariamente ao meu módo de pensar, ésa cestão, grasas ao trabalho de SCHMID e ás anotações de V. Es.; de bomgrado reconheso o meu erro, rezultante, como asima referi, de me averem faltado fontes brasileiras), é comtudo absolutamente sérto ce não figuraraom na batalha unidades consideráveis de leionários ale-

mães, e, muinto maes, ce a vitória fásil do ezérsito aliado não fo devidida ao fogo devastador dos fuzis de agulha alemães.

Em fato, o governo brasileiro amgariou leionários na ALEMÁNHA, primsipalmente em HAMBURGO. Na sua maecór parte éraom ofisias e prasas do ezérsito do SCHLESWIG-HOLSTEIN, ce acabava de ser lisemsiado; maz os contratos foraom individuais, não por unidades constituídas. Nésas condisões foraom eses mersenários transportados para o BRAZIL e só ai formados em unidades. Tanto o ezérsito aliado, como o de RÓZAS, estavaom armados de fuzil de pederneira. Só em novembro de 1852 fo ce o ezérsito arjentino resebeu as primeiras armas de percusião; e o brasileiro só em 1855.

Maz ainda uma outra circunstásia depõe contra a aplicaçáo do fuzil de agulha na campanha em caoza. Fo em 1841 ce o ezérsito prusiano adotou o novo fuzil de agulha, o cual, com vistas á comservasão do segredo, fo denominado “fuzil léve de percusião”. Foraom adciridos apenas 60.000 ezemplares e só em 1848 distribuídos a unidades escolhidas, comservado em uzo o fuzil de antecarga, nas demaes.

O primeiro emprego do fuzil de agulha em campanha, em pecena escala, teve logar, por trópas prusianas, no SCHLESWIG-HOLSTEIN, em 1848-50 e na sufocação da insurreisção de BADEN em 1849. (Ver no fim de m/carta as unidades ce partisiparaom).

Só depoes désas esperiémcias favoráveis é ce se pasou á jeneralizásão da distribuiçáo dese armamento, ainda com fórtis opozisção dos maes altos círculos militares, e só fo concluída pelo fim do desênio de 50.

Asim sendo, fica evidente ce o ezérsito referido do SCHLESWIG-HOLSTEIN, não podia estar armado do fuzil de agulha, portanto não poderia o mezmo ter sido trazido para o BRAZIL, ainda admittido ce os veteranos do mezmo tivéssem sido amgariados com suas armas. Além diso, como referimos,

a ese tempo o fuzil de agulha ainda era repudiado por numerosos militares de alta hierarquia. D'estarte, nenhum motivo tinha o governo brasileiro para adotar uma arma, ce só se selebrizaria depois das gerras de 1864 e 66, mezmo ce se lhe tivese deparado a oportunidade."

Até ai o meu artigo. Admitamos, comtudo, ce ajaom sido fuzis de agulha os ce subjugaraom a artilharia de CHILAVERT. Como poderia? a administração brasileira ter dezenhado ese fato, ao adcirir novo fuzil em 1855? como? teria ela, então, recorrido ao fuzil de percussão, já anticuado, em vez dese fuzil de agulha ce tão brilhantemente demomstrara sua eselêmsia?!

Das suas anotações, Sr. Jeneral, taombém se vê ce em novembro de 1852 o BRAZIL cojitou duma escola de tiro: ce foe feito déla?

Como explicar? ce militares, como E. MITRE e D.F. SARMIENTO, ce depois foraom prezidentes da Republica ARJENTINA, não tivese sabido da estraordinária efisiêmsia dese fuzil, tanto ce a ele se não referiraom em seus numerosos escritos? Como explicar ce? escritores simpaticos a RÓZAS, como SALDIAS, ce narra a batalha, com baze em relatórios contemporâneos, numa versão inteiramente diversa da ofisial arjentina, tenha omitido a circumstâsia desiziva para a derrota, e ce taombém a desculparia?

Como esplicar ce? na entrada festiva das tropas aliadas em BUENOS AERES, depois da vitória, e da brilhante resepsão oferesida á ofisialidade brasileira, ningém dentre os muintos militares presentes, nasonaes e estranjeiros, tivese as vistas atraidas para a arma tão diferente da de pederneira, ce, entretanto, teria xamado a atemsão mezmo de leigos?

Em 1852 a ARJENTINA comesou a substituir seus fuzis de pederneira pelos de percussão, alma liza. Prosedeu com tanta lentidão, ce ainda na gerra do PARAGUAIE figuraraom unidades inteiras armadas com o fuzil de pederneira, e só durante a campanha foraom rese-

bendo armas de percussão, de diversos sistemas. Maes tarde, especialmente a cavalaria resebeu taombém armas nórteamericanas de rétro-carga, e até clavinas de repetição, bem como fuzis raeados de ante-carga, de fabricasão imgleza. Dizem ce os fuzis alemães lizos de percussão, fornecidos de LIÈGE, foraom miseráveis. Por ce? a ese tempo a ningém lembravaom as armas de agulha? cujos estraordinários méritos os arjentinicos aviaom sentido na própria carne?

Se o BRAZIL e a ARJENTINA tivese deduzido as consecuêmsias do effeto do fuzil de agulha em MONTE CASEROS, muinto outra teria decorrido a gerra do PARAGUAIE. Não o fizeraom, porém. Por ce? Não á-de ter sido por falta de recursos, poes ce outras armas foraom adciridas. E na época não faltavaom no mercado fuzis de agulha. Igualmente F.S. LOPEZ não as adcir, comquanto seus agentes na EURÓPA diligemsiem á procura do ce de melhór pósaom obter, e até lhe mandaraom canhões e fuzis WHITWORT.

A razão ce a tudo iso esplica é ce em MONTE CASEROS não foe empregado o fuzil de agulha.

Todo acele complexço de perguntas tem solusão fâsil, e confirma meu módo de ver, Sr. Jeneral, dezde ce ezaminemos ezatamente os termos da ordem do dia de CAXIAS, de 5-II-52, referido em sua nota 28, páj. 53. Refiro-me ao passo ce diz literalmente: "... armados com espingarda de alfinete..."

O meu conhesimento da lingua portugeza não vae lá das pernas; maz a sua esplicação, ce está em seguida, não deixa dúvida. Lá está: "Nôte-se no "alfinete" outra versão, em vez de agulha, para o termo framsez "tíge", em aleroão "Nadel"..."

Não. O Marcez de CAXIAS sabia ezatamente o ce ceria dizer. De pleno propósito empregou ele o termo "alfinete", do framsez "tíge", e não "agulha", em framsez "alguille". Propozitava S. Es., com iso, evitar cualcér confuzão com o "Nadel", alemão, poes "tíge" se traduz em alemão por "tromco, es-

tampa, cabo, aste, talo, fuste de colima, cano de bôta" jamaes "agulha". Na linguagem framseza especializada, de armamento, a qual S. Es., sem dũvida, senhoreava, "tíge" significa unicamente, em alemão, "Dorn", espinho, esporão, pua; e na composiçãõ framseza "fusil à tíge", em alemão "fusil de pua", se applicava á arma entãõ jeneralizada no ezêrsito framsez, sistema THOUVENIN. O mezmo fusil dese sistema era entãõ muito uzado em vários ezêrsitos de estados alemães, entre eles a PRÚSIA, onde era representado pelo fusil de casadores modelo 1835, SACSÓNIA, ÖLDENBURGO, BAVIËRA, HËSSE-NASSAU, MECKLEMBURGO, & O fusil de agulha de percussãõ xama-se em framsez "fusil à aiguille".

Temos, portanto, a declaraçãõ official do comando das tropas brasileiras, feita 2 dias apés a batalha, declaraçãõ clara e pozitiva, segundo a qual os 80 atiradores alemães ce figuraraom como companhia, sob o comando do Ten. WILDT, *estavaom armados de fuzis "à tíge"*, isto é, *armas de antecarga, alma raçada*. Sem dũvida, taes armas eraom superiores às de pederneira, de antecarga, alma liza, uzadas por todas as maes unidades de ambas as partes; entretanto, de nenhum módo, susitariaom a estranheza ce teriaom produzido armas de rétro-carga, poes acélas armas de percussãõ não comstituaom novidade, conhesidas ce eraom das armas particulares.

A nõsa interpretaçãõ ainda é confirmada pela nõta 29, segunda proposiçãõ, ce reza: "... ce mandava armar em cada Btl. I. uma Cia. com espingarda *à tíge* e em cada RC. uma Cia. (sic) com clavina de agulha. ..."

Ai temos em clara opozisãõ as duas espresões: espingarda "à tíge", dèsta vez dirètamente em framsez, a escluir cualcêr dũvida — e clavina de agulha.

"Clavina", ao ce me é conhesido, é o nome dado á arma curta da cavalaria; só em 1854 foe dada a clavina de agulha á cavalaria prusiana. Verdade é ce avia uma espingarda de agulha modelo 1849,

uzada de fins de 1851 até 1856 pelos Casadores e Atiradores da Guarda Prusiana; não pôde estar em caoza.

Ainda infôrma V. Es. ce o alféres OCHS foe incumbido de imstruir pesoal no emprego da espingarda "à tíge"; asim, em toda parte nada de fusil de agulha arma de manejo e emprego intelramente diferente do da arma de pua.

Até 1851, a unica fabrica na EUROPA ce produzia fuzis de agulha era a de DREYSE, em SÖMMERDA, a qual, depoes do fornecimento das primeiras 60.000, esteve absorvida em produzir a segunda sêrie de igual quantidade, para a PRÚSIA.

Em 1851 as outras quatro fabricas prusianas adciraraom o direito de fabricar armas de agulha.

Só bem maes tarde foe ce CRAUSE, em HERZBERG, comecou a fabricar armas de agulha, porém, maes semelhantes á prusiana modelo 1862.

Tropas prusianas armadas de fusil de agulha combateraom em 1849, em DRESDEN e em BADEN. Foe o Btl. de Fuzileiros do 1º R. de Granadeiros da Guarda e (no SCHLESWIG-HOLSTEIN:) os Batalhões de Fuzileiros dos R. 20, 24, 26, 27 e 31º. Só no SCHLESWIG-HOLSTEIN o Btl. Fuz. n. 12.

A maçoer parte das unidades prusianas da campanha do S. H. estavaom armadas do fusil de infantaria modelo 1839, de alma liza, com fexo de percussãõ. De módo ce taombém não teria existido a fonte para acizisãõ de armas de agulha. Já o 7º Btl. Casadores, ce partisipou na campanha do S. H., possuia os fuzis de casadores THOUVENIN modelo 1835.

Verdade é ce as narrativas de vèlhos lejonários referem espresamente o fusil de agulha. Como soldados vèlhos, aviaom de saber o ce diziam. O Sr. SCHMID cita os depoimentos de treis deles. Ezatamente o mezmo ce CAXIAS diz C. LENZ, comquanto ele próprio não tivêse estado em MONTE CASEROS. Taombém diz o mezmo, praticamente, H. SCHAEFER;

e este escriptorou um diário, ce devia, poes, ser fidedigno; narra taobém o regrésio do pesoal vemsedor, ce pôde perfeitamente ter prezemiado. A meu ver, déve ser preeluido o depoimento de F. SOMMER, poreé refere "duas" companhias e clavinas de agulha, as cuaes, como vimos, ainda não ezistiaom. A. PORTO, sitando a ordem do dia de CAXIAS, não sei por ce, faz o marcez uzar a espresão "espimgarda de agulha", em contradisção com o testo sitado por V. Es. Alguma coeza ai não coméere!

O ce parése inecívoco é ce os 80 omems não formavam unidade comstituida, preezistente: foraom catados das divérsas unidades, para formar uma Cia. E, sabido ce todo o pesoal restante éra armado de fuzis de pederneira, de onde? teriaom, súbito, aparesido os fuzis de agulha, para eses 80 omems? E maes: teriaom sido derepente atirados ao combate omems inteiramente desprovidos da imstrusão peculiar ao armamento diferente? E, de onde vinha a munisção correspondente? ce em campanha não podia ser produzida sem a indispemsavel macinária? O unico depoimento difisil de contraditar é, poes, o de SCHAEFER; maz não teria sido eé vitima dum emgano? ou, não teriaom alterado a redasão de seu diário, de módo a fazer apareser os fuzis de agulha?

Dezejo ainda referir aci os fuzis sistemas AKLEN e SNIDER, adotados nos USA. e na IMGLA-TERRA, modifिकासão das armas raesdas de infantaria; foraom denominados "needle puns", por caoza de suas compridas astes de percusão, o ce vem a ser a mezma denominasão de armas de agulha.

Vimos como da "tíge" saiu a agulha: na istória do armamento ouve outros ce taes ecívocos, maes graves, cometidos de boa fé.

A unica solusão, cabal e inatacavel, seria emcontrada se nos arceivos militares brasileiros ezistissem próvas da acizisção contemporânea de armas de agulha e munisção correspondente; ou de sua alienasão, efetuada maes tarde, o ce eci-

valeria a demomstrar ce as mezmaz tivésem estado em uzo.

Nenhuma das mensionadas fontes refere ce a Lejião tivése trazido armas de fogo da ALEMANHA, e élas só aparesem depoes ce a Lejião já estava algum tempo no URUGUAÉ. De onde teriaom provindo ésas armas de agulha? Sem dúvida, DREYSE não poderia ave-las forneseido, de módo ce só poderia tratarse de armas de contrabando, provenientes do S. H. Maz, teriaom sido adciridas tão numerózas?

Dévem ezistir documentos a ese respeito. E: ce foe feito désas armas, depoes do lisemsiamento dos BRUMMER? Sem dúvida, não ficaraom em poder dos omems.

Muinto lhe agradezeria, Sr. Jeneral, se cízese pronunsiarse sobre as perguntas ce aci formulei. Talvez V. Es. pósa consultar as respectivas fontes dos arceivos brasileiros. ... (Asinado:) A. Barão ENGELHARDT."

PÓSFÁSIO — I. a) Das minhas anotasões a "OS REZIMGÓES", a de n. 17, na parte ce refere o transpórte das primeiras companhias da Legião Alemã, do RIO DE JANEIRO para o Sul, faz depreen-der prezizamente ce toda a infantaria désa Lejião foe armada das "nóvas espimgardas de percusão"; e ce ese armamento não veio com os omems, maz separadamente, tanto ce as duas companhias ce primeiro tivéram acele transpórte só tivéram suas armas remetidas pelo navio em ce seguiu a terseira désas companhias.

b) Segundo a nóta 37, ainda em 1856 se falava entre nós, ofisialmente, em "espimgarda à tíge".

II. Independente das investigasões em arceivos, a argumentasão matematica do Barão ENGELHARDT léva-me a dar por boa a sua téze de ce não tínhamos arma de agulha em MONTE CASEROS.

A contemporânea espimgarda maes moderna uzada pela Lejião Alemã, superior á de pederneira, ce armava o résto do nóso ezérsito, éra ainda uma arma de carregar pela boca, porém de cano raesado

seja para ter artilharia atômica de maior alcance que nosso canhão atômico, estamos desenvolvendo projetis dirigidos e foguetes que possam receber cargas atômicas. Estivemos instruindo Unidades de projetis dirigidos e foguetes durante algum tempo e, agora, estamos ampliando o campo deste programa de instrução.

Estas são as realizações e as direções adotadas. São muito alentadoras; mas não dão motivos para ficarmos satisfeitos. A maioria das armas atômicas para uso do Exército são armas para o futuro. Mas enquanto o Exército pensa no futuro, deve preparar-se para combater no presente. A guerra, que devia eliminar o homem do campo de batalha, existe somente no campo da imaginação.

Esta é a razão pela qual o Exército — com seus serviços irmãos — está hoje alcançando um equilíbrio entre o que podemos conseguir imediatamente em matéria de força militar e o que aspiramos chegar. Por isso, temos continuado a melhorar as armas e aumentado a potência de fogo das Divisões de nosso Exército, as mesmas que estão lutando hoje na Coreia. Comparada com a G.M. II, a Divisão de Infantaria de hoje tem uma potência de fogo 50 % maior e nossas Divisões Blindadas e Aero-transportadas têm experimentado um aumento semelhante de potência de fogo.

Ainda que seja demasiado cedo para prever os efeitos definitivos que terão as armas atômicas sobre a guerra terrestre, já aparecem algumas influências. Está claro, por exemplo, que a ameaça de armas atômicas na futura guerra terrestre exigirá u'a maior dispersão das forças atacantes e defensoras. As grandes concentrações de tropas e material, como as da invasão da Normandia, convidariam seguramente a um ataque atômico. Com efeito, numa guerra atômica, a tática tenderá a obrigar o inimigo a concentrar-se para constituir um objetivo produtivo para as armas atômicas. Uma arma atômica pode favorecer a um

defensor que tenha a oportunidade de construir posições defensivas fortes e dispersadas, especialmente sob a superfície do terreno.

A necessária dispersão das Unidades terrestres para não constituir um alvo útil para as armas atômicas, criará problemas de comando e comunicações. A dispersão de Unidades de combate e serviços os fará mais vulneráveis aos ataques de guerrilheiros inimigos. A organização de tropas para enfrentar este tipo de guerra deve basear-se na constituição de Unidades pequenas, mas fortemente armadas e autônomas. Para lutar com ataques de guerrilhas — como os que nós encontramos na Coreia —, os soldados do chamado escalão de retaguarda deverão ser instruídos e equipados com maior amplitude que no passado para defender-se por si mesmos.

O emprêgo de armas atômicas táticas colocará em lugar proeminente os serviços de informação. Muitos objetivos apropriados, como concentrações de tropas a descoberto, preparadas para o ataque, a passagem de um rio ou uma operação anfíbia, são de pouca permanência. Golpes de mão, uma cuidadosa e rápida interrogação dos prisioneiros inimigos e o uso inteligente de agentes secretos permitirão identificar e valorizar tais objetivos a tempo de atacá-los com armas atômicas.

Nossa doutrina é flexível por necessidade e se modifica à medida que aparecem novas descobertas técnicas e armas. Mas a estamos desenvolvendo e publicando em manuais, compatíveis com as exigências da segurança, para pôr ao corrente nossos soldados sobre as descobertas atômicas e acostumá-los a ter presentes as armas atômicas em suas idéias táticas.

Tão pouco limitamos nossa instrução sobre armas atômicas à publicação de manuais. Durante algum tempo enviámos oficiais do Exército e especialistas civis do mesmo a uma escola em Sandia

Base (Novo México) para estudar as características e emprêgo das armas atômicas. Estabelecemos cursos de guerra atômica em todas as Escolas do Exército, desde as mais elementares às mais elevadas. Estes cursos incluem a solução dos atuais problemas de combate criados pelo emprêgo das armas atômicas. Em futuro próximo, pensamos começar a instrução individual e de Unidades para a guerra atômica.

Para alguns dos soldados que participaram do exercício do Longhorn, uma arma atômica era já algo mais que um conceito. Haviam assistido, antes, ao exercício de Desert-Rock, realizado em Nevada, em novembro de 1951, para mostrar a milhares de observadores do Exército o que podia e não podia fazer uma arma atômica contra tropas de terra desenvolvidas. Durante o exercício de Desert-Rock, submetemos questionários a nossos soldados antes e depois da demonstração. Escritas em linguagem de soldado não muito correta, havia entre as respostas alguns conceitos típicos:

"O "fox-hole" é uma invenção maravilhosa."

"Eu contaria com a bomba atômica como uma arma tática."

"Vocês não podem pôr a infantaria fora de combate."

Os resultados destes questionários serão úteis para o ensinamento das tropas nos futuros exercícios.

Não resta dúvida de que as armas atômicas imporão mudanças de importância na preparação de nosso Exército, em caso de guerra, para que possa cumprir sua tradicional missão de enfrentar e destruir um inimigo terrestre. Ao mesmo tempo, cuidamos de encher nossos arsenais com armas, não com projetos. Como as armas atômicas começam sendo pro-

jetos e ali se convertem em material, estamos juntando-as ao nosso arsenal. Ao mesmo tempo, estamos tratando, com decisão agressiva, de eliminar as armas que podem ser substituídas com segurança por este novo material. É muito difícil dizer quais as armas que serão substituídas; mas temos comprovado que se não de fazer tais eliminações, se quisermos conservar nossa economia, ao mesmo tempo que aumentamos a segurança militar da nação.

É muito cedo para determinar com algum grau de exatidão a influência que terão as armas atômicas sobre o "fator custo" de nossas forças armadas. Estamos satisfeitos porque, provavelmente, proporcionarão maior rendimento para a defesa do dólar do que proporcionam agora algumas de nossas armas normais.

Entretanto, em outros setores diferentes do da energia atômica, o Exército está também mirando o futuro. Com efeito, estamos levando a cabo um forte programa de investigação e desenvolvimento que alcança todos os campos da guerra terrestre e a defesa do terreno contra a aviação inimiga.

Há uma tendência, por parte de alguns, em pensar que o soldado de terra está antiquado nesta moderna era de máquinas; e penso que isto procede em parte do desejo natural de encontrar uma solução simples e fácil, que não é tão simples nem tão fácil; e de outro lado, de que o Exército tem sido modesto e conservador ao apresentar sua moderna contribuição ao problema geral.

Eu posso assegurar que o Exército de Terra está preparado para representar a sua parte, e com eficácia, em uma era atômica; e que o dia em que o papel do soldado a pé fôr olvidado em nossos planos de defesa, será um dia trágico para o mundo livre.